EDITORIAL / *EDITORIAL*

O Desafio da Patologia Infecciosa



/ **Henrique Lecour**
Professor catedrático jubilado da Faculdade de Medicina do Porto

Foi grande a mudança observada no panorama das doenças infecciosas nos últimos cinquenta anos, bastando para isso recordar o que se passava nas enfermarias então chamadas de infecto-contagiosas. Crianças com sarampo, coqueluche, difteria maligna, poliomielite, meningites e gastro-enterites, entre tantas outras, enchiam o sector de pediatria. No sector de adultos, a febre tifóide, a brucelose, as hepatites, as meningites, a tuberculose pulmonar, a febre da carraça e o tétano, eram no seu todo as patologias que aí predominavam. Com esses casos e com outras patologias menos comuns fazia-se a preparação dos infecciologistas, nessa época não tendo ainda direito ao título de especialistas. Quantos dos internos de Infecciologia podem hoje referir no seu currículo esse leque de patologias, muitas delas só conhecidas pela leitura dos tratados da especialidade ou pela visão das colecções de diapositivos existentes nos arquivos dos serviços.

Desde logo é notória a alteração que hoje se vive nos agora denominados serviços de Infecciologia, em que os internamentos estão quase completamente assoberbados pela pletora de doentes com Sida, permitindo apenas que alguns casos de hepatite e mais uns tantos de outras afecções com eles convivam, fazendo assim, sobressair uma monotonia de patologias, que retira muito do encanto da especialidade e naturalmente prejudica o treino dos novos especialistas, obstando assim, ao pleno cumprimento dos programas de formação.

São diversos os factores que contribuíram para essa marcada alteração das patologias. Desde logo a melhoria do nível de vida da população registada nas últimas décadas, o grande investimento no abastecimento de água e no saneamento básico, levando a que as doenças de transmissão hídrica tivessem um marcado declínio, a generalização e o progressivo alargamento do Programa Nacional de Vacinação, com um papel fulcral na luta contra as doenças que podem ser prevenidas pela imunização, e a assistência materno-infantil, com a quase totalidade dos partos a ocorrer em maternidades, causa da eliminação do tétano do recém-nascido, nódoa que nos envergonhava perante os nossos parceiros da Europa Ocidental. A poliomielite, que com as suas graves sequelas motoras outrora ocupava muitas das camas dos sectores de crianças, foi eliminada, sendo o último caso declarado em 1987, em resultado da vacinação universal das crianças.

Dois outros exemplos da franca mudança que se registou entre nós nas últimas décadas, são a difteria, com o último caso comunicado em 1989, e o sarampo, em que a redução foi extrema, de 11.791 casos notificados em 1989, ano em que se registou um surto epidémico, apenas um caso foi declarado em 2004, prenunciando a sua eliminação do País.

Estas alterações levaram a que alguns menos realistas previssem em meados do século passado, após a disponibilidade da terapêutica antibiótica, que a patologia infecciosa iria deixar de ser uma ameaça para a Humanidade. Sir MacFarlane Burnet, prémio Nobel da Medicina, escrevia em

1962 que "*uma das mais importantes alterações sociais da História da Humanidade era a virtual eliminação das doenças infecciosas alcançada em meados de século XX*". Rapidamente essa bondosa afirmação foi ultrapassada, continuando a patologia infecciosa a ser uma importante causa de morbilidade e de mortalidade, tendo sido em 2002 a segunda causa de morte a nível mundial, naturalmente com uma marcada assimetria regional, em que os países pobres assumem posição cimeira. Mas se nessas áreas a patologia infecciosa ainda é a tradicional, a que acrescem a SIDA, a tuberculose e as doenças tropicais, no mundo industrializado foi grande a mudança do panorama, com o aparecimento de novos problemas ou o ressurgimento de velhas doenças, de que a tuberculose e as infecções de transmissão sexual são talvez o paradigma mais evidente. Mais de 50 novas doenças ou novos agentes foram identificados nos últimos 30 anos, cuja listagem seria exaustiva. Para além do vírus da imunodeficiência humana, a hepatite C, os novos vírus herpéticos, o SARS, a gripe das aves, que agora ameaça tomar uma feição pandémica, as febres víricas hemorrágicas, o aparecimento e rápida disseminação da febre do Nilo Ocidental na América do Norte, a doença de Lyme e a *Legionella*, são alguns desses exemplos. Outro grave problema com que nos enfrentamos, com elevados custos humanos e económicos, são as infecções nosocomiais e a resistência crescente aos antibióticos. A utilização dos agentes microbianos como arma biológica é também uma das ameaças que hoje pesa sobre o Mundo, sujeito a um ataque bioterrorista de possíveis consequências catastróficas. Por último, há que recordar o papel de alguns agentes microbianos na génese de certas neoplasias e de certas doenças degenerativas crónicas. Apenas uma minoria das espécies microbianas existentes estão identificadas, sendo pois praticamente ilimitadas as possibilidades de novas situações virem a surgir. A recente descoberta do genoma de um cada vez maior número de agentes infecciosos e os rápidos desenvolvimentos da biologia molecular permitem um conhecimento mais íntimo dos factores patogénicos responsáveis, bem como um diagnóstico mais fiável e rápido, e uma procura de novos alvos terapêuticos.

Vários são as condicionantes que favorecem a eclosão e a disseminação das doenças infecciosas, desde a falta de uma vigilância epidemiológica nacional e internacional, e de uma ausência ou interrupção de programas de vacinação, até ao uso inadequado de antibióticos e ao seu emprego na agro-pecuária, facto que favorece a eclosão de resistências. Naturalmente que a crescente utilização de fármacos imunossupressores e dos transplantes, de técnicas invasivas de diagnóstico e de tratamento, são também situações que propiciam o incremento das infecções oportunistas. Por outro lado, as alterações ambientais, as inundações, a desflorestação das grandes áreas verdes, a penetração do homem nessas reservas, em que muitos agentes têm o seu nicho ecológico, constituem exemplos relevantes. O aquecimento global é de igual modo um factor de grande impacto, criando condições para a sobrevivência de certos agentes e dos seus vectores em áreas até então indemnes. Alterações sociais e dos comportamentos, de que se destacam o envelhecimento das populações, a pobreza, a fome, a degradação urbana, as migrações, particularmente das minorias socialmente excluídas, as mudanças do comportamento sexual, a dependência de drogas de adição, as viagens para áreas tropicais, o uso de comidas exóticas importadas de países com menores padrões de higiene e as alterações de métodos de produção alimentar, sem cumprimento dos requisitos de esterilização, de que o melhor exemplo é a disseminação da variante da doença de Creutzfeldt-Jacob, são outros tantos factores favorecedores da eclosão de novas patologias.

Tudo isto, num Mundo que cada vez mais se globaliza, mostra bem que as doenças infecciosas, verdadeira caixa de Pandora, longe de serem ultrapassadas, continuam a ser um desafio que a Humanidade enfrenta, numa luta sem tréguas.